

Prefácio

Carmen Rial

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

INCT Futebol¹

Este livro nasce de um encontro, o *I Coloquio Internacional Ciencias Sociales Y Fútbol - Intercambio Y Perspectivas Sudamericanas*, realizado em Montevideu, de 12 a 14 de outubro de 2024, na Universidade da República (Udelar). Mais do que reunir trabalhos, a obra constrói um percurso através das ideias, paixões e contradições que fazem do futebol um tema central das ciências

¹ Agradeço ao CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – que financiou minha participação no Colóquio na origem desse texto. E aos colegas Fábio Machado Pinto (Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas); Luiz Carlos Rigo (Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas); Liber Benítez (Instituto Superior de Educación Física, Universidad de la República do Uruguay); Luciano Jahnekca (Instituto Superior de Educación Física, Universidad de la República do Uruguay) e Rodrigo Piriz (Instituto Superior de Educación Física, Universidad de la República do Uruguay) pela organização do evento.

sociais no continente. O título do colóquio era amplo demais para ser tratado em uma só sessão – quem sabe nos próximos, como estes que realizaremos em Portugal e na Argentina, o assumo como tema central. Participei do colóquio com uma conferência final: “*Diálogos Futebolísticos no Sul da América*”. O texto que segue, como foi o da apresentação, é um sobrevoo pessoal sem a pretensão de ser um levantamento bibliográfico exaustivo do que tem sido escrito sobre futebol nas ciências sociais, na América do Sul. Muitos levantamentos bibliográficos já foram feitos, com maior ou menor precisão. Por ora, compartilho aqui uma leitura panorâmica que parte de uma pergunta prévia, mas essencial: quais as fronteiras do futebol no Sul da América?

Para a Federação Internacional de Futebol de Associação (FIFA), a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) é a entidade que representa o futebol na América do Sul. Formada inicialmente por Argentina, Brasil, Chile e Uruguai, em 1916, durante a primeira Copa América, logo, incorporou outros países do continente. Hoje, é a menor das seis confederações continentais da FIFA, com apenas 10 membros². Pequena em número, mas gigante em títulos: 10 Copas do Mundo, dois a menos do que a UEFA que tem 55 países afiliados.

Uma primeira constatação: as fronteiras futebolísticas não coincidem com as geográficas. Guiana, Suriname e Guiana Francesa, por exemplo, estão na América do Sul, mas participam da Confederação

2 Bolívia, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru e Venezuela completam os seus integrantes.

das Associações de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF). E, se a lógica é menos geográfica e mais cultural e política, então talvez o sul da América comece no México. Afinal, na fala dos emigrantes latinos, “a América” corresponde aos Estados Unidos, e os “sudacas” são todos os que vivem ao sul da “América”, os “latinos” como aparece nos formulários identificatórios estadunidenses. Nesse jogo de identidades, a América Latina, como uma entidade, é unificada pelo olhar externo e, talvez, pela experiência comum de exclusão, migração, resistência e criatividade. Pouco importa que, ao sul da “América”, nossa relação com os romanos – os latinos, precisamente – tenha se perdido na memória de uma colonização feita a ferro e fogo por espanhóis e portugueses. O nome permanece, agora em disputa, pois já temos uma denominação de origem local para o continente: Abya Yala.

Nesse espírito, vale perguntar: o que disseram sobre o futebol nossos antepassados “sudacas”, os clássicos? Chamo de antepassados aqui mais por respeito e por serem inspiração do que por distância cronológica, pois muitos ainda estão vivos, escrevendo e ensinando.

Duas linhas teóricas principais marcam o início dos estudos sobre futebol e estiveram presentes também entre nós: uma mais crítica, de matriz marxista, que via o futebol como ópio do povo, instrumento do capital que por meio do entretenimento criava massas passivas de consumidores; outra que, sem ignorar as estruturas econômicas e políticas do capitalismo, buscava compreender o significado do futebol como sendo uma das paixões elementares do povo, para usar a expressão de Gramsci, o pensador italiano que muito escreveu sobre os folhetins e nenhuma linha sobre futebol.

Essa segunda abordagem do futebol tem origens diversas. Por exemplo, Max Gluckman, antropólogo sul-africano, radicado na Inglaterra e torcedor do Manchester United, enxerga no futebol um sentimento de pertencimento capaz de unir torcedores de origens diversas. Em seu ensaio *How Foreigner are you?* (1959), descreve como ele, um estrangeiro na cidade de Manchester, ao torcer junto a outros torcedores do United, tornava-se parte de uma comunidade³. Sem ter se dedicado a pesquisar o futebol, Gluckman registrou suas impressões em textos e nas diversas entrevistas à rádio BBC, onde o futebol seguidamente aparecia como tema. E um dos seus alunos incluiu um capítulo numa tese sobre um vilarejo. Mas muitos reconhecem que a inspiração de Victor Turner – um dos seus alunos arrastados para as arquibancadas do United – para o seu conceito de *communitas* estaria exatamente no que Edith Gluckman, esposa de Max Gluckman, chamou de uma *spectatorship zone*, um estado de semitranse, no qual entravam os torcedores durante os jogos de futebol.

3 “Embora possa parecer um clichê, é importante enfatizar que o sentimento de ‘pertencer’, em oposição a ser um estrangeiro, sempre define a pertença a um grupo em contraste com algum outro grupo. Quando assisto ao Manchester United jogar contra o Manchester City e torço pelo United com meus companheiros de arquibancada, não importa que eu tenha vivido em Manchester por apenas alguns anos, que eu seja judeu, que venha da África do Sul, que seja professor universitário: estou em comunhão com a multidão de outros torcedores do United de diferentes origens étnicas, diferentes crenças religiosas e diferentes ocupações.” Max Gluckman, *How Foreigner are you?* 1959, p. 100. [minha tradução]

No Brasil, o futebol foi tema de debate e interpretação de proto-antropologias jornalísticas muito cedo e antes mesmo de tornar-se objeto de pesquisa acadêmica. Desde as crônicas de João do Rio⁴ (1910), passando por Coelho Netto, que via no futebol um instrumento de “regeneração racial”, até o escritor Lima Barreto (1922), o futebol dividiu opiniões. Para Coelho Netto (1920), o futebol era capaz de aperfeiçoar a “raça brasileira”, criando um homem forte e robusto. Noutro sentido, no de uma oposição clara ao futebol, temos Graciliano Ramos (1921) e, também, Lima Barreto (1922), este fundador nada mais nada menos do que de uma “Liga Brasileira Contra o Football”. Barreto opunha-se ao futebol por muitos de seus aspectos: pela discriminação racial e de classes sociais que verificava nas políticas restritivas dos clubes; pela violência entre os jogadores e pela rivalidade entre as equipes. Escreveu a propósito de um jogo entre um clube de Recife e um do Rio de Janeiro: “longe de tal jogo contribuir para o conagraçamento, para uma mais forte coesão moral entre as divisões políticas da União, separava-as”. Era contra por considerá-lo uma importação barata, ordinária, para divertir burgueses ricos. Ideias que poderiam estar na origem de uma visão do futebol nas ciências sociais brasileiras como o “ópio do povo”, aludindo-se à matrix marxista. Em oposição a essa, temos o poeta Olavo Bilac ou o escritor Machado de Assis que, embora sem discorrer especificamente sobre o futebol, elogiaram outras modalidades esportivas:

4 João do Rio é o pseudônimo de João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto, jornalista e teatrólogo.

“O literato identificou e, em alguma medida, até concordou que a conformação de algumas modalidades era uma tentativa de sintonizar a cidade com um novo padrão civilizacional, sendo de toda forma uma expressão da nova excitabilidade pública, que marcava a capital brasileira na segunda metade do século XIX. De outro lado, identificava – e de forma habilitosa mesmo denunciava – os limites dessa apreensão civilizatória, especialmente no que tange àquelas práticas que faziam uso de animais.” (Melo 2016: 137)

Também Mario M. Rosa (1944 apud Giglio e Spaggiari 2010: 295) referiu-se ao esporte no seu caso, ao futebol, acentuando a dimensão mágica do jogo: a bola entra ou não, o gol no último minuto, o azar, a sorte, a crença. Um espaço no qual também habitam os santos, os despachos, as mandingas. Contemporâneo de Rosa, o jornalista Mário Filho deixou marcas mais evidentes, presentes ainda hoje nos estudos sobre futebol. O seu livro *O Negro no Futebol Brasileiro* (1947) trouxe à luz o papel central dos negros na formação do que considerava um estilo brasileiro de futebol, um ensaio que resistiu às críticas, e continua sendo usado por muitos como referência para entender não apenas o futebol, mas o Brasil⁵.

Nessa mesma linha de buscar especificidades na prática do esporte no Brasil, temos Gilberto Freyre, que foi pioneiro ao

5 Uma das principais fontes de Mário Filho foi o jogador Mendonça. Bernardo Buarque de Hollanda (2025) pesquisou as duas entrevistas dele guardadas no Museu da Imagem e do Som (MIS) em SP e RJ.

interpretar o futebol como expressão de uma identidade brasileira: mulata, gingada, espontânea. Para ele, o estilo brasileiro contrastava com o futebol europeu, anguloso e mecânico. Essa oposição encontrada em Freyre, entre um futebol-arte (o brasileiro) e um futebol-força (europeu), marcará as reflexões mais sólidas e interessantes na antropologia, estabelecendo toda uma escola que acionará o futebol metonimicamente para pensar o Brasil décadas mais tarde. Em uma passagem bem conhecida, Freyre escreveu:

“O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual (...). Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, ou alguma coisa de dança e capoeiragem que marcam o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e às vezes adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatíssimo flamboyant e, ao mesmo tempo, malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.” (Freyre 1945: 421-422).

A visão de um futebol-arte será retomada e transformada em objeto de estudo sistemático nas décadas seguintes, especialmente por Roberto DaMatta. DaMatta viu no futebol um "dispositivo didático", um espaço de regras fixas no qual, por 90 minutos, reina a igual-

dade. Um campo no qual não há marcas de distinção como "você sabe com quem está falando?", porque ali todos se submetem às mesmas regras, vestem uniformes iguais e têm que provar seu valor com os pés, não com o sobrenome ou com o cargo que ocupam. Durante os 90 minutos, o jogo cria um espaço em que a autoridade não se impõe por status, mas se conquista na bola, pela habilidade, esforço e entrega. Um universo regulado, em contraste com a sociedade brasileira, marcada pela pessoalidade e pelo privilégio. O futebol brasileiro é malandro no estilo, mas segue regras nem sempre presentes nos outros campos sociais. E é de tal modo diferenciado que DaMatta retira-o do campo do "esporte" e o inclui no do "jogo".

Na Argentina, Eduardo Archetti (1999) vai desenvolver ideia semelhante de uma especificidade do estilo, mas com outra imagem: a do futebol "criollo", que ele encontra nas narrativas de jornais argentinos, como o *The Standart*. O futebol na Argentina seria forte, viril, como a nova raça de cavalos surgida na América do Sul. Vale distinguir aqui criollo de mulato ou crioulo, pois embora ambas as palavras remetam a uma mistura racial, o mulato, ou crioulo, de Freyre é negro e branco, cruzamento humano. O mulato encontra paralelo no malandro de DaMatta, referindo-se a um jeito de ser próprio dos brasileiros. Já Archetti busca no surgimento de uma nova raça de cavalos na América, a raça criolla, o termo para caracterizar o estilo argentino de jogar. Diferente do mulato, do crioulo, de Freyre, o criollo é um estilo resistente e determinado, corporal, mas não cerebral como o inglês, que usa o cabeceio mais do que o drible como arma de jogo, conforme os cronistas que ele analisou.

Nos anos 1980, os estudos ampliam-se. Simoni Guedes, Leite Lopes, Benzaquem Araújo trazem a classe social, o trabalho, a trajetória dos jogadores para o centro das análises. Antunes (1994) aborda “O futebol nas fábricas”. É de Guedes também a primeira dissertação sobre futebol no Brasil (1977). O livro *Universo do Futebol* (1982)⁶, coorganizado com DaMatta, marca esse momento e o início de pesquisas mais sistemáticas sobre o futebol como fenômeno social, econômico e político, além de cultural. Novas perguntas começam a ser feitas e trabalhos apresentados em congressos já não são apenas na área de Educação Física, mas de antropologia, história, sociologia, relações internacionais, colocando o Brasil, ao lado da Grã-Bretanha, como um dos centros de onde emana o maior número de estudos sobre o futebol. Com a diferença de que lá – e, também, na França, onde o estudo mais lembrado é o de Cristhian Bromberger (*As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia*) – a preocupação inicial era sobre torcidas, enquanto do lado de cá

6 Este livro se constitui em um dos pilares que sustentaram os estudos recentes nesse campo. O outro impulso para estes estudos foi a Reunião Brasileira de Antropologia em Brasília, no ano 2000, quando se organizou o primeiro Grupo de Trabalho sobre Futebol em congressos de Ciências Humanas, denominado de F28 *Imagem e Futebol*, organizado por mim e José Sergio de Leite Lopes, iniciando uma rede nacional de pesquisadores de futebol que a partir dali continuaram a se reunir em congressos como a ANPOCS, RAM, e SBPC. Participaram desse GT, entre outros, Simoni Guedes, Anderson F. Cavalcanti, Arlei Damo, João Guilherme da Cruz, Mariana Costa Aderaldo, Giralda Seyferth, Danilo de Assis Climaco, Luiz André Soares, Tércio Nascimento; Mário da Silva Miranda. Um ano antes, sob a liderança de Pablo Alabarces, a CLACSO instituiu o Grupo de Trabalho *Deporte y Sociedad*.

do Atlântico é sobre nossas especificidades, sobre o que revela o futebol sobre uma identidade nacional. Também temos focado os torcedores (Toledo 1994), mas expandimos para uma diversidade de tópicos como a carreira e a profissionalização (Damo 2005, Conceição 2017), futebol comunitário (Lopes 1994, Pinto 2020) os megaeventos (Damo e Oliven 2014), a mídia, Gastaldo (2009), Silva (2001), Helal (1996), Rial (2003) e a mobilidade internacional (Rial 2008), o racismo (Soares 1999), a religião (Rial 2012), entre os que marcaram as primeiras décadas do século XXI, para as relações de gênero e sexualidade (Goellner 2005, Pisani 2021, Almeida 2019, Rial 2024, Brito 2021, Rigo et al. 2008); estádios e infraestruturas (Mascarenhas 2013), museus, globalização e aliança entre clubes (Santos e Ferreira 2024), e se unem a temas bem explorados anteriormente como a questão da raça, da classe social, da violência⁷. Vemos as temáticas renovarem-se, e os cerca de 100 trabalhos apresentados em 20 grupos de trabalho no I Encontro Nacional do INCT Futebol, em Florianópolis em 2024, mostram isso.

Seria longo nomear nossa rica produção sobre futebol na América do Sul e, inicialmente, centrada nas *hinchadas*, nas torcidas, na masculinidade e nos sentimentos — o *agente*. São estudos nos quais as pesquisas de Pablo Alabarces se destacam.

Sua internacionalização, no entanto, vai de par com a internacionalização das ciências humanas em geral no sul do

7 Os autores aqui citados nem de longe esgotam a relação dos que têm trabalhado sobre o tema. O Gefute, liderado por Sílvia Ricardo da Silva, realizou um mapeamento desses trabalhos, e o INCT Futebol tem em andamento uma atualização dos dados da pesquisa do Gefute.

continente: que ainda engatinha. Na Antropologia brasileira, que tomo como exemplo, apesar de termos criado uma revista muito precocemente, em 2004, a *Vibrant*, que publica artigos em inglês, francês e espanhol, e termos uma das mais importantes produções antropológicas do mundo, somos pouco lidos e citados. O primeiro artigo publicado na França sobre futebol foi *La disparition de ‘La joie du peuple’*, de autoria de José Sergio de Leite Lopes e Sylvain Maresca (1989) — republicado, posteriormente, na própria *Vibrant* (2009) — e antes, apenas Archetti (1999). E, embora o enorme interesse pelo futebol na Europa, só anos mais tarde, tivemos um artigo publicado na Espanha (Alabarces et al. 2019, Rial 2006), em Portugal (Rial 2009) e um livro dedicado exclusivamente ao futebol brasileiro na França (Piradeau 2014), de autores brasileiros. A segunda metade do século XXI tem sido um pouco mais fértil, com publicações de sul-americanos em diversos países, como por exemplo⁸: França (Buarque de Hollanda, Damo, Rial), Holanda (Rial 2013), Inglaterra (Alabarces et al. 2001, Rial 2014 e 2015a e 2015b), Estados Unidos (Rial 2015), e Itália (Rial 2022).

Os capítulos neste volume organizam-se em torno de três eixos temáticos reunidos em sessões do livro, que refletem a diversidade e vitalidade do campo. Em *O futebol no campo das ciências humanas e sociais* encontramos análises consolidadas, que discutem a historiografia desse campo a partir de olhares comparativos e inter-

8 A relação certamente é bem mais extensa, diversificada e mereceria uma pesquisa. Registro apenas o que lembro de memória.

disciplinares, que mapeiam os estudos em três países: Brasil, Uruguai e Portugal. A segunda parte do livro, *Atos subversivos: enfrentamentos dentro e fora do campo de futebol* cruza futebol e política. Já a terceira parte, *Gênero e futebol de mulheres*, aponta para um dos movimentos mais promissores dos estudos atuais: a incorporação crítica das questões de gênero, que desafiam não só os preconceitos do campo esportivo, mas também os limites dos próprios marcos analíticos tradicionais. O futebol de mulheres nos dois países é abordado desde uma perspectiva histórica e etnográfica.

O Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro (INCT Futebol) busca incrementar a internacionalização da produção brasileira sobre futebol, estabelecendo diálogos com as produções de outros países. O colóquio em Montevideu foi uma etapa importante nessa trajetória. Espera-se contribuir com essa publicação para um campo em constante renovação, homenagear a nossos precursores e, ao mesmo tempo, dar as boas-vindas aos que estão chegando. Que prossigamos, juntos, no jogo e no pensamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALABARCES, Pablo. 2022. “Diego Maradona: mito, héroe, símbolo de la subalternidad”. *Eracle – Journal of Sports and Social Sciences*, (4)2.

ALABARCES, Pablo, Alan Tomlinson e Christopher Young. 2001. “Argentina versus England at the France ’98 World Cup: Narratives of Nation and the Mythologizing of the Popular”. *Media, Culture & Society* (23)5: 743–761. <https://doi.org/10.1177/016344301023005001>.

ALABARCES, Pablo Alejandro, Lluís Bonet e Héctor Schargorodsky. 2019. “Sports exchanges between Europe and Latin America: Flows, migrations and indifferences”. In: *The Challenges of Cultural Relations between the European Union and Latin America and the Caribbean*, 387-404. Barcelona: Quaderns Gescènec.

<https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/133340>.

ALMEIDA, Caroline Soares de. 2019. “O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil”. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, (4)1: 72-87, jan./abr.

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14658>.

ANTUNES, Fatima M.R.F. 1994. “O futebol nas fábricas”. *Revista USP – Dossiê Futebol*, São Paulo, 22: 102-109.

ARAMBUENA, Rita Lorena. 2024. “Ser y parecer profesionales: La construcción de la imagen pública de mujeres futbolistas de dos clubes platenses (Argentina)”. *Avatares de la Comunicación y la Cultura*, Santiago del Estero, 27: 1-18.

<https://ludopedio.org.br/biblioteca/ser-y-parecer-profesionales-la-construccion-de-la-imagen-publica-de-mujeres-futbolistas-de-dos-clubes-platenses-argentina/>.

ARCHETTI, Eduardo P. 1999. *Masculinities: Football, Polo and the Tango in Argentina*. Oxford: Berg.

BARRETO, Lima. 1922. “Bendito football”. *Careta*, Rio de Janeiro, 7 jan. In: Barreto, Lima. 1953. *Feiras e mafuás*. Rio de Janeiro: Graphia. 270-272.

BRITO, Leandro Teófilo de. “Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte.” *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 2, e79309, 2021. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279307>.

BROMBERGER, Christian. 2003. “As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, (14): 41-60.

COELHO NETTO, Henrique. 1920. “Males incuráveis”. *Athletica*, 5 jun. In: Fernandez, Renato Lanna. 2011. “Coelho Netto: um intelectual a serviço do esporte”. *Mosaico*, (3)5: 22-34. <https://doi.org/10.12660/rm.v3n5.2011.62796>.

CONCEIÇÃO, Daniel Machado da. 2017. “Com a bola no pé e o lápis na mão: o estudante-atleta em formação no futebol”. In: Welter, Tânia, Miriam Grossi e Mareli E. Graupe (org.). *Antropologia, gênero e educação em Santa Catarina*. Florianópolis: Mulheres. 117-137.

DAMATTA, Roberto (org.), Luiz Felipe Baêta Neves, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel. 1982. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakotheke.

DAMO, Arlei Sander. 2005. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. <http://hdl.handle.net/10183/5343>.

DAMO, Arlei Sander e Ruben George Oliven. 2014. *Megaeventos esportivos no Brasil: um olhar antropológico*. Campinas: Armazém do Ipê.

- FILHO, Mario. 1947. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: [s.n.].
- FREYRE, Gilberto. 1945. “Foot-ball mulato”. In: Freyre, Gilberto. [s.d.]. *Casa-grande & senzala*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- GASTALDO, Édison. 2009. “‘O país do futebol’ mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil”. *Sociologias*, Porto Alegre, (11)22: 1-22. <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/9651>.
- GIGLIO, Sérgio e Enrico Spaggiari. 2010. “A produção das Ciências Humanas sobre futebol no Brasil (1990-2009)”. *Revista de História*, 63: 293-350.
- GLUCKMAN, Max. 1959. “Analysis of a Social Situation in Modern Zululand”. *American Anthropologist*, (61)2: 315-317.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. 2005. “Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades”. *Revista Brasileira de Educação Física*, São Paulo, (19)2: 143-151, abr./jun. <https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590>.
- GUEDES, Simoni Lahud. 1977. *O futebol brasileiro: instituição zero*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Rio de Janeiro.
- HELAL, Ronaldo. 1996. “Futebol, cultura e cidade”. *Logos: Comunicação & Universidade*, Rio de Janeiro, (3)2: 1-3.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque de. 2025. “Memory displacements and persistence: a reading of goalkeeper Marcos Carneiro de Mendonça’s testimonies (1967-1982) given to the Museum of Image and

Sound”. In: 2025 World Congress of Sociology of Sport, Seul.

LOPES, José Sergio Leite e Sylvain Maresca. 1989. “La disparition de ‘La joie du peuple’”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, (79): 21-36.

LOPES, José Sergio Leite. 1994. A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, (22): 64-83.

<https://revistas.usp.br/revusp/article/view/26960>.

LOPES, José Sergio Leite. 2009. “The People’s Joy Vanishes: Considerations on the Death of a soccer player”. *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, (6)2: 122-152, jul./dez.

MASCARENHAS, Gilmar. 2013. “Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol”. *Revista Cidades*, (10)17: 105-123.

<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/cidades/article/view/12020>.

MELO, Victor. 2016. “Olhares irônicos: Machado de Assis e o esporte”. *Aletria*, Belo Horizonte, (26)3: 123-140.

MOREIRA, Verónica. 2018. “Fútbol, modelos jurídicos y mercado: el dilema de los clubes en Sudamérica”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, 116: 135-154, jul. <http://journals.openedition.org/rccs/7327>.

PINTO, Fábio Machado. 2020. “‘Bueno, é golo’: lembranças de um projeto e desejo de ser jogador”. In: Richter, Ana Cristina e Jaison José Bassani (org.). *Memórias do futebol: infâncias em jogo*. Curitiba/PR: Brazil Publishing. (1): 31-48.

PIRAUDEAU, Bertrand (org.). 2014. *Le football brésilien: regards anthropologiques, géographiques et sociologiques*. Paris: L'Harmattan.

PISANI, Mariane da Silva. 2021. “Expressões e corporalidades de mulheres cis e homens trans no ambiente futebolístico”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, (29)2.

<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279331>.

RAMOS, Graciliano (J. Calisto). 1921. “Traços a esmo”. In: *O Índio*, Palmeira dos Índios, AL, 10 abr.

RIAL, Carmen. 2003. “Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa”. *Antropolítica*, Niterói, 14: 61-80.

RIAL, Carmen. 2006. “Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes, porém...”. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*, Madrid, (61)2: 163-190. Número especial: Culturas deportivas y mercados globales y locales.

RIAL, Carmen. 2008. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”. *Horizontes Antropológicos*, (14)30: 21-65, jul./dez. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002>.

RIAL, Carmen. 2009. “Porque todos os ‘rebeldes’ falam português? A circulação de jogadores brasileiros/sul-americanos no exterior, ontem e hoje”. In: Carmo, Renato Miguel do e José Alberto Simões (org.). *A produção das mobilidades: redes, espacialidades e trajetos*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais – ICS. 203-224.

RIAL, Carmen. 2012. "Banal religiosity: Brazilian athletes as new missionaries of the neo-Pentecostal diaspora". *Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology*, Brasília, (9)2: 128-159, jul./dez.

<https://vibrant.org.br/issues/v9n2/carmen-rial-football-and-religion/>.

RIAL, Carmen. 2013. "The 'Devil's Egg': Football Players as New Missionaries of the Diaspora of Brazilian Religions". In: Rocha, Cristina e Manuel Arturo Vasquez (org.). *The Diaspora of Brazilian Religions*. Leiden: Brill. (1): 66-91.

RIAL, Carmen. 2014. "New frontiers: The transnational circulation of Brazil's women soccer players". In: Agergaard, Sine e Nina Clara Tiesler (org.). *Women, Soccer and Transnational Migration*. London; New York: Routledge.

RIAL, Carmen. 2015a. "Circulation, bubbles, returns: the mobility of Brazilians in the football system". In: Elliot, Richard e John Harris (org.). *Football and Migration: Perspectives, Places, Players*. London; New York: Routledge. 61-75.

RIAL, Carmen. 2015b. "Neo-Pentecostals on the Pitch: Brazilian Football Players as Missionaries Abroad". In: Needell, Jeffrey (ed.). *Emergent Brazil: Key Perspectives on a New Global Power*. Gainesville: University of Florida.

RIAL, Carmen. 2015c. "From 'Black Kaká' to Gentrification: The New Motilities of Expatriate Brazilian Football Players". In: Gledhill, John (org.). *World Anthropologies in Practice*. London; New York: Bloomsbury. 77-94.

RIAL, Carmen. 2022. “‘El Diego de la gente’: the most human of the football Gods”. *Eracle – Journal of Sports and Social Sciences*, (4)2.

RIAL, Carmen e Caroline Soares de Almeida. 2024. “O ‘gênero da bola’: mulheres e futebol na mídia”. *Revista ALCEU*, Rio de Janeiro, (24)52: 84-119, jan./abr. <https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/417>.

RIGO, Luiz Carlos, Flávia Garcia Guidotti e Larissa Zanetti Theil. 2008. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, (29)3: 173-188.

RIO, João do. 1910. *Dentro da noite*. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro-Editor.

ROSA, Mário M. 1944. “O papel da magia no futebol”. *Sociologia*, São Paulo, (6)4: 295-304.

SANTOS, Irlan Simões dos, Jonathan Ferreira e João Ricardo Pisani. 2024. “Finanças, mídia e futebol: o modelo de multi-club ownership e inserção dos fundos de private equity”. *Revista ALCEU*, (24)52: 199-217. <https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed52.2024.408>.

SILVA, Silvio Ricardo da. 2001. *Tua imensa torcida e bem feliz... da relação torcedor com o clube*. 130 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1589775>.

SOARES, Antonio Jorge. 1999. “O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história de identidade”. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, (13)1: 119-129, jan./jun. <https://doi.org/10.11606/issn.2594-5904.rpef.1999.137764>.

TOLEDO, Luiz Henrique de. 1994. “Transgressão e violência entre torcedores de futebol”. *Revista USP*, São Paulo, (30): 51-67.

<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26962>.

VILLANUEVA BUSTOS, Alejandro. 2013. “Hinchas del fútbol, academia y nuevas emergencias urbanas”. *Revista Colombiana de Sociología*, (36)1: 93-108.

<https://revistas.unal.edu.co/index.php/recs/article/view/39667>.